

A leitura como prática de construção da cidadania

Izandra Alves
Melissa Heberle

A leitura representa um desafio ao leitor cada vez que este se depara com uma nova palavra. Isso acontece porque o ato de ler exige uma postura questionadora perante o mundo e perante si mesmo. Além disso, propõe que se construa uma resposta que integre parte das novas informações ao que o leitor já tem armazenado em sua “biblioteca interior”. Ler significa ainda formar um juízo sobre o escrito, atribuir sentido à mensagem, conceber um significado, e, sobretudo, ter uma postura crítica e ao mesmo tempo ativa sobre o mundo.

Segundo Vincent Jouve (2002), a leitura é uma atividade complexa que envolve cinco dimensões. A primeira é a que a vê como um processo neurofisiológico que representa um ato concreto e observável e que utiliza o aparelho visual, bem como diferentes funções cerebrais. Nesse processo, a leitura é concebida como uma operação de percepção, de identificação e de memorização dos signos. A segunda dimensão é a que vê a leitura como um processo cognitivo, que solicita

competências, a saber, o leitor deve possuir um saber mínimo para prosseguir na leitura, ao mesmo tempo em que lhe é exigido um esforço de abstração. A terceira dimensão teorizada pelo autor refere-se à afetividade, relaciona-se às emoções que a leitura suscita no leitor e que acabam por envolvê-lo, prendendo seu interesse ao que lê. A quarta dimensão trabalha com a ideia de que a leitura é um processo argumentativo em que o autor prepara no texto um discurso de engajamento dele com o mundo e os demais seres; afirma ainda que o objetivo de persuadir o leitor e fazê-lo simpatizante de suas ideias está presente em todas as narrativas. Por fim, a quinta dimensão do processo de leitura é definida como processo simbólico, que constitui o envolvimento do texto com o mundo do leitor, com sua cultura e com seu meio.

Segundo as teorias abordadas por Jouve (2002), percebe-se que o primeiro passo para pensar a leitura é vê-la como um processo neurofisiológico, pois sem que se identifiquem os códigos linguísticos, essa atividade torna-se impossível. No entanto, as atuais práticas de leitura trabalhadas nas escolas têm estagnado nesse primeiro processo, e pouco evoluído. A mera decifração de signos,

LISIANE CÉZAR DE OLIVEIRA



Dia da Solidariedade de Ibirubá

sem associação e relações com situações anteriores, tem contribuído para o fracasso da leitura. Muitos professores pensam em avançar para o segundo processo, o cognitivo, mas suas bagagens de leitura, bem como a de seus alunos, são tão pequenas, que as inferências são remotas e, por conta disso, os resultados insatisfatórios. Dessa forma, o envolvimento emocional com o texto torna-se difícil, pois se não há associação nem reconhecimento, não há como sentir piedade, simpatia, admiração ou qualquer outra relação afetiva com o que se lê.

Os processos de significação de leitura abordados por Jouve são interligados e, porque não dizer, dependentes, pois caminham progressivamente de maneira que um completa o outro. Dessa forma, perceber o nível argumentativo proposto pelo texto é algo impossível para o leitor que não consegue abstrair nada de sua leitura superficial. Dar-se conta da intenção discursiva do texto é característica fundamental do leitor proficiente, aquele que acompanha e progride a cada nova palavra que lê, estabelecendo associações e buscando simbologias em seu mundo, em seu meio. Se o que for lido estiver distante simbolicamente do leitor, este não consegue realizar inferências, e a leitura torna-se sem sentido.

Sabe-se também que cada leitor poderá reagir de maneira diferente perante o texto que lê, pois suas experiências, vivências e simbologias são muito particulares e, em contato com o texto, ganham novas dimensões e múltiplas significações, conforme teoriza Marcuschi quando define leitura:

Na verdade, a leitura é um processo de seleção que se dá como um jogo com avanço de predições, recuos para correções, não se faz linearmente, progride em pequenos blocos ou fatias e não produz compreensões definitivas. (...) ato de interação comunicativa que se desenvolve entre o leitor e o autor, com base no texto, não se podendo prever com segurança os resultados. (MARCUSCHI, 1999, p. 96)

Como atividade não linear, a leitura permite os recuos, “as saídas de campo para adquirir fôlego”, ou seja, possibilita uma pausa, um retorno em busca de referências que auxiliem na obtenção de significação. A não linearidade da leitura acompanha a atividade cerebral que também não é linear. No momento da leitura, vêm à mente uma série de outras informações e ideias que justificam a impossibilidade de ver essa atividade como

algo programado e que segue um único percurso e direção. Além disso, ao percorrer os olhos sobre o papel, é possível perceber o conjunto do texto; não se vê palavra por palavra, mas elas vêm em “blocos” que se unem num todo significativo, conforme explica Ângela Kleiman:

O leitor proficiente lê rapidamente – mais ou menos 200 palavras por minuto, se o assunto lhe for familiar ou fácil, e um número menor se ele for desconhecido ou difícil.

(...)

O movimento dos olhos durante a leitura não é contínuo (...), mas é sacádico, isto é, o olho se fixa num lugar do texto e logo faz um pulo, ou sacada, até se fixar novamente mais adiante. (KLEIMAN, 1996, p. 13-14)

É possível notar que a leitura exige muito mais do que identificar palavras e símbolos; ela é um processo complexo que envolve a percepção, a atenção e a memória (KLEIMAN, 1996). Acredita-se que este último elemento tem muito destaque nesse processo, pois é com seu auxílio que surgem as possibilidades de relação com o já dito, o já visto, o já lido e o já aprendido.

Fica claro, a partir dessa relação, como também explica Marcuschi (1999), que o sentido não reside no texto, pois mesmo que ele seja o ponto de partida para se atingir a compreensão, se não houver o envolvimento do leitor de maneira ativa, interagindo e relacionando seu mundo ao mundo do texto, não haverá unidade de sentido. É preciso, então, um total engajamento entre leitor-texto, ou seja, o primeiro deve enriquecer o segundo, deve dar-lhe valor, sentido, significação.

Há um elemento importante para essa aquisição de significação que diz respeito às lacunas deixadas pelo autor. É preciso que o leitor se dê conta dos artifícios linguísticos utilizados pelo autor e também daqueles que deixou de usar e, principalmente, questionar-se sobre o porquê da preferência de uns elementos e da exclusão de outros. Nesse sentido, é possível determinar aquilo que Marcuschi (1999) chama de força ilocucional, que são as intenções comunicativas do autor que se apossa de um discurso para através dele apresentar uma certa ideologia. Todo discurso está carregado de ideologia e o que permite a identificação dessa ideologia é exatamente o que está nas “entrelinhas”, aquilo que o texto “diz, mas não diz”, aquilo que deixa de dizer, mas que é possível ser percebido pelo leitor atento e perspicaz.

PROJETOS



Assalto artístico-literário

Diante disso, o leitor deve mostrar-se capaz de observar as entrelinhas do texto e preencher os vazios deixados pelo autor, que se faz presente naquilo que escreve através das marcas formais que atuam como pistas para a reconstrução do sentido. Portanto, a compreensão e a interação com aquilo que é lido torna-se possível através da análise de tais pistas.

No entanto, quando essas pistas não são percebidas e esses espaços não são preenchidos, a leitura pode tornar-se uma prática que serve à ideologia dominante e que condiciona os indivíduos a “engolirem” ideias que não os permitem ser sujeitos, mas sim, seguidores de um sistema que oprime, também através da palavra e do saber. Se o leitor se acostuma a não duvidar, a não se autoquestionar acerca do que lê, acabará reproduzindo, sem dar-se conta disso, o discurso ideológico do autor, que na maioria das vezes defende os interesses dos que dominam e oprimem.

Diante disso, é preciso trazer presente as ideias de Roger Chartier (1999), que diz que o texto é socioconstrutivo, ou seja, o leitor deve dialogar com o texto percebendo as intenções que ele traz para, a partir daí, construir significado. Leitor e texto precisam participar de uma mesma esfera de cultura, precisam “dialogar” sobre aquilo que constroem mutuamente. E é através desse processo que se torna possível estabelecer a coerência do texto, que é também objetivo da leitura.

Outro elemento importante ao discutir os aspectos relacionados à leitura é perceber

que o saber está diretamente ligado ao poder. Adquire-se saber através de questionamentos, da dúvida, da tentativa de mudar o imutável. O indivíduo cresce e produz saber toda vez que se depara com uma situação e procura revolucionar para modificá-la. Aprender a ler é também transformar a situação que faz com que não se saiba ler, é não se ver passivo e submisso diante do texto. Por isso, é preciso dialogar com ele e construir saberes (FOUCAMBERT, 1994).

Assim, por levar em consideração tais conceitos e realidades vivenciadas em sala de aula, é que o projeto “Leituração: reading is bueno, tchê!” foi criado no Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul - Câmpus Ibirubá. A necessidade de desenvolver práticas leitoras que busquem o diálogo entre autor-obra-leitor é que sustenta as atividades desenvolvidas na instituição e na comunidade regional, a qual o projeto envolve com suas diferentes atividades. Ao longo do trabalho, tem-se percebido o quão é importante a questão de se proporcionar espaços e momentos para a discussão sobre leitura e a construção de textos (literários ou não) com diferentes “tipos” de leitores e escritores. Trata-se de permitir o diálogo entre diferentes gerações (pais e filhos, avós e netos) e também entre profissionais de distintas áreas (docentes, técnico-administrativos, empresários, agricultores) que contribuem para o enriquecimento das discussões sobre leitura. As disciplinas de línguas estrangeiras, Inglês e Espanhol, e a disciplina de Ar-



I Semana de Arte Moderna (SAM)

tes também estão contempladas no projeto e têm contribuído para o enriquecimento das atividades, pois trazem presente, além de diferentes leituras textuais e visuais, inúmeras contribuições culturais.

Procurando inserir-se na comunidade local e, dessa forma, envolver o público leitor em práticas solidárias de leitura, o projeto “Leituração: reading is bueno, tchê!” fez-se presente no evento Dia da Solidariedade, organizado pela Prefeitura de Ibirubá. Houve, primeiramente, por parte de alunos e servidores do IFRS - Câmpus Ibirubá, a doação de livros que, no dia do evento, foram “vendidos” na praça por valores que corresponderam a “ações solidárias” ou “ações ambientais”. O envolvimento da comunidade correspondeu às expectativas, pois não sobraram livros. Isso mostra o quanto são importantes ações que promovam e desenvolvam atividades de leitura.

É importante destacar que a comunidade em geral, além de apoiar as atividades do projeto “Leituração: reading is bueno, tchê!” e de participar ativamente das intervenções literárias, ainda sugere outras, propõe novidades, quer mais. Dessa forma, pode-se notar que ainda há muito o que pensar e desenvolver quando se trata de práticas leitoras. O contato com o texto é apenas o primeiro passo. A partir disso, os mediadores de leitura e os propagadores das intervenções literárias têm o papel de disseminar, de envolver, de cativar a comunidade leitora de tal modo que não seja mais possível abandonar as práticas leitoras. É necessário fazer com que a comunidade regional sinta a necessidade de sempre querer “algo mais” do processo de leitura, fazendo com que o contato com os textos re-

almente proporcione uma Leituração.

A atividade denominada “Assalto artístico-literário” foi uma mostra do quanto a arte e a leitura podem contribuir para o processo de construção da cidadania. Dialogar com diferentes grupos da comunidade e levar até eles um pouco do que o IFRS faz no campo da Arte e da Literatura contribui para o enriquecimento do trabalho e o crescimento intelectual e cultural dos envolvidos.

Contudo, é por meio da intervenção realizada por esse projeto que se pode aproximar a efetiva ação daquilo que os teóricos em leitura propõem, pois essa prática vai muito além da decodificação e da boa pronúncia das palavras, habilidades que muitas vezes constituem o que menos importa e não determinam se alguém é um bom ou mau leitor. É necessário, sim, ater-se àquilo que é possível depreender do que se lê, àquilo que se pode descobrir e redescobrir a partir do que é lido, àquilo que permite repensar posturas, rever conceitos, redimensionar condutas e modos de ver o mundo e as coisas. A leitura desconstrói para posteriormente reconstruir. Para isso, é de fundamental importância o papel dos mediadores de leitura que devem permitir ao leitor o diálogo com o que lê; devem estar dispostos a questionar, levantar dúvidas, perturbar e inquietar o leitor para que esta seja sujeito ativo e participativo no mundo em que vive, tal como o é no mundo da leitura. Assim, poderá realmente concretizar a “Leituração”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- CHARTIER, Roger. A aventura do livro: do leitor ao navegador. São Paulo: Editora UNESP/Imprensa Oficial do Estado, 1999.
- FOUCAMBERT, Jean. A leitura em questão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- JOUBE, Vincent. A leitura. São Paulo: UNESP, 2002.
- KLEIMAN, Ângela. Leitura: ensino e pesquisa. Campinas, SP: Pontes, 1989.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. Leitura como processo inferencial num universo cultural-cognitivo. In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org). Estado de leitura. Campinas, SP: Mercado de letras: Associação de leitura do Brasil, 1999. p. 95 – 122.

Izandra Alves é mestre em Letras - Estudos Literários (UPF) e professora EBTT do Câmpus Ibirubá do IFRS.

Melissa Heberle é mestre em Letras - Estudos da Linguagem (UFRGS) e professora EBTT do Câmpus Farroupilha do IFRS.